

CENTRALIDADE E CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS ATIVIDADES DE COMÉRCIO E SERVIÇOS DO BAIRRO JADERLÂNDIA III EM CASTANHAL-PA ¹

Jhon Cleber Moraes da Silva
Universidade do Estado do Pará – UEPA
jhonmoraes.geo@gmail.com

RESUMO:

Esta pesquisa possui como principal objetivo analisar as características socioespaciais da centralidade urbana exercida pelas atividades de comércio e serviços instaladas ao longo da rua Dr. Adailson da Silva Rodrigues no Bairro Jaderlândia III em Castanhal-PA. Como procedimentos metodológicos realizou-se: aprofundamento teórico sobre o espaço urbano; centro e centralidade urbana e circuitos da economia urbana; levantamento documental do setor sudeste da cidade; trabalhos de campo e entrevistas semiestruturadas com os empreendedores do bairro em evidência. Diante da análise dos dados obtidos, constata-se que a grande concentração de empreendimentos na via, configura-se a partir da expansão urbana da cidade, o que proporciona que a centralidade do eixo exerça atração sob o conjunto de áreas da fração sudeste, constituindo o Jaderlândia III como um subcentro de bairros marcado pela precariedade do circuito inferior da economia urbana.

Palavras-chave: Centralidade urbana; Circuitos da economia urbana; Castanhal-PA.

GT – 4: Economia urbana, trabalho, comércio e consumo.

¹ Este trabalho foi realizado sob orientação do Prof. Dr. Willame de Oliveira Ribeiro, professor assistente IV da Universidade do Estado do Pará – UEPA; coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG/UEPA e líder do grupo de pesquisas “Geografia do Pará Urbano” – GeoPUrb.

1 INTRODUÇÃO

A expansão urbana conforme Corrêa (1995); Duarte (1974) e Souza (2005), propicia a descentralização de empreendimentos, pois a população inserida nessa dilatação e distanciada do centro principal, necessitará de certas vantagens estabelecidas neste. Essa necessidade acarretará na constituição de centralidades com diferentes graus de magnitude no contexto urbano e de acordo com a densidade demográfica e renda da população vinculada a estas, podem-se apresentar como significativos subcentros de comércio e serviços (CORRÊA, 1995).

Nessa perspectiva, insere-se como objeto desta pesquisa o bairro Jaderlândia III, em Castanhal/PA, estruturado a partir da expansão da cidade a sudeste, implementada por grupos precariamente incluídos (HAESBAERT, 2004), que por meio de ocupações às margens da Br-316 originaram o mesmo. O bairro em questão apresenta-se como uma típica periferia urbana (RIBEIRO, O., 2017), existindo peculiaridades que merecem ser analisadas, como por exemplo, a grande concentração de comércio e serviços. Diante desse contexto, a problemática da pesquisa está expressa nas seguintes questões: Quais as características socioespaciais da centralidade urbana exercida pelas atividades de comércio e serviços instaladas ao longo da rua Dr. Adailson da Silva Rodrigues no bairro Jaderlândia III em Castanhal? Que elementos respondem pela constituição dessa centralidade? Qual o perfil e o alcance espacial das atividades instaladas na rua? Qual a relação entre a conformação dessa centralidade e a condição socioespacial do bairro no contexto do espaço urbano de Castanhal?

Os procedimentos metodológicos utilizados na presente pesquisa foram delimitados em duas etapas, ressaltando que as mesmas possuem subdivisões internas. A primeira, volta-se ao aprofundamento teórico e abordagem exploratória do recorte de análise, sendo desenvolvida durante o segundo semestre do ano de 2017 e primeiro semestre de 2018 da seguinte maneira: levantamento bibliográfico e fundamentação teórica sobre os principais conceitos e problemáticas expostos na pesquisa, como: espaço urbano; centro e centralidade urbana e circuitos da economia urbana; levantamento documental acerca do setor sudeste da cidade de Castanhal, dando ênfase ao bairro Jaderlândia III e áreas que desempenham centralidade no contexto intraurbano em cidades brasileiras, analisando as principais características dessas; trabalhos de campo de caráter exploratório, objetivando a obtenção de dados por meio da observação dirigida; realização de levantamentos fotográficos; coleta de informações para subsidiar elaboração de mapas e contato com os sujeitos envolvidos na problemática deste trabalho.

Após a conclusão da primeira fase, houve a sistematização dos dados obtidos e logo após deu-se continuidade à segunda etapa, dedicada à coleta de dados de forma mais direta, ou seja, em campo. Organizada a partir dos seguintes procedimentos: Identificação do perfil das atividades comerciais e de serviços presentes na rua Dr. Adailson da Silva Rodrigues, sendo constatado a presença de 311 empreendimentos em agosto de 2018; e entrevistas semiestruturadas com empreendedores da via em questão, foram realizadas 52 interlocuções em março de 2019, cada questionário possuía 14 perguntas.

O trabalho está organizado em quatro seções. A primeira abordará o espaço urbano, discutindo dinâmicas intrínsecas a ele, como a de centro e centralidade; a segunda discutirá sobre o consumo, apresentando como os circuitos da economia agem e inserem-se nessa prática; a terceira tratará do processo de estruturação do espaço urbano de Castanhal-PA, salientando os principais agentes e grupos envolvidos nesse processo; e, por fim, será abordada a realidade socioespacial das atividades de comércio e serviços do bairro Jaderlândia III.

2 ESPAÇO URBANO: CENTRO E CENTRALIDADE

A organização espacial da cidade possui um conjunto de diferentes usos da terra, cada utilização define as áreas, tal como o centro da cidade, que será o espaço onde se concentram as atividades, dentre elas, comerciais, industriais e de lazer. Isto é, o espaço urbano caracteriza-se como um conjunto de diferentes porções de terra justapostas entre si, essas que encontram-se em constante transformação, possuindo áreas mais afastadas dessas atividades do centro urbano e outras reservadas para uma futura expansão (CORRÊA, 1995).

As relações espaciais dentro do espaço urbano se integram, ou seja, cada um de seus fragmentos mantém relações espaciais com os demais, formando um núcleo articulado que tem sido, historicamente, o centro da cidade (CORRÊA, 1995). O autor supracitado argumenta sobre dois pontos que devem ser levados em consideração ao se fazer a análise do espaço urbano.

Primeiramente por ser reflexo social e fragmentado, o espaço urbano, especialmente o da cidade capitalista, é profundamente desigual: a desigualdade constitui-se em característica própria do espaço urbano capitalista. Em segundo lugar, por ser reflexo social e porque a sociedade tem a sua dinâmica, o espaço urbano é também mutável, dispondo de uma mutabilidade que é complexa, com ritmos e natureza diferenciados (CORRÊA, 1995, p. 8).

Nesse sentido, o espaço urbano é fragmentado; articulado; campo de lutas; reflexo e condicionante da sociedade, lugar em que variadas classes sociais habitam e reproduzem, espaço que envolve o cotidiano e o futuro próximo, bem como crenças e costumes cultivados na

sociedade, esses que são projetados nas formas espaciais (CORRÊA, 1995). De acordo com Souza (2005), a cidade constitui-se como um centro de gestão do território, título esse, concebido não apenas pela mesma sediar empresas, mas também por contar com sedes de poderes religiosos e políticos, dentre outros. Ou seja, a cidade não constitui-se apenas pelos bens produzidos, comercializados e consumidos, a mesma apresenta-se como lugar de interações sociais com intuítos, interesses e valores diversos.

Ao considerar o espaço urbano resultado das ações/interações sociais, deve-se considerar a sociedade de classes, pois é a dinâmica dessas que proporciona o caráter de natureza social ao espaço. Nas palavras de Corrêa (2017, p. 43):

A produção do espaço, seja o da rede urbana, seja o intraurbano, não é resultado da “mão invisível do mercado”, nem de um estado hegeliano, visto como entidade supraorgânica, ou de capital abstrato que emerge de fora das relações sociais. É consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade.

Os agentes sociais inseridos na produção e expansão do espaço urbano estão diretamente ligados à temporalidade e à espacialidade da formação socioespacial capitalista, agentes esses que concretizam os processos sociais no ambiente em que residem (CORRÊA, 2017). O Estado; promotores imobiliários; promotores fundiários; proprietários dos meios de produção (CORRÊA, 1995) e os grupos precariamente incluídos (HAESBAERT, 2004), apresentam-se como responsáveis por dinâmicas que estruturam e reestruturam a cidade. O último insere-se nesse processo em menor escala, pois estão inseridos parcialmente. Isto é, mesmo que a exclusão destes grupos alcance níveis altos com as articulações e serviços urbanos, não apresentam-se completamente destituídos, desse modo, a ação destes é limitada no contexto da cidade.

A gênese do centro da cidade capitalista foi impulsionada pela revolução industrial, esta que engendrou uma demanda crescente e variada na confecção de produtos industrializados, sendo necessário assim, uma malha de transporte que suprisse essa alta demanda, criando-se a necessidade da construção das grandes ferrovias, ao serem implantadas, nas proximidades das estações dessas houve a concentração de comércios e serviços, com intuito de atender o grande fluxo de pessoas que circulavam nas mesmas, ocorrendo assim a demarcação da área central (CORRÊA, 1995). Cabe ressaltar que os centros das cidades não estão necessariamente localizados nos centros geográficos das mesmas e nem onde essas tiveram a sua estruturação inicial (BARRETO, 2010). Porém, na maior parte das ocorrências encontra-se onde a cidade obteve sua origem (SOUZA, 2005).

As cidades em modos de produção anteriores, assim como em boa parte do desenvolvimento capitalista, foram articuladas espacialmente em volta de um centro principal, este que em suma desempenhava/desempenha todos os papéis de centralidade (SPOSITO, 2013). A área central constitui-se primordialmente pela sua relevância na dinâmica da cidade, pois nessa, concentram-se inúmeras atividades públicas, privadas e espaços voltados para o lazer, contando em sua paisagem com objetos de valores materiais e simbólicos, constituindo-se como local de encontros e confluências (SPOSITO, 2004; WHITACKER, 2017).

De acordo com Sposito (2013) e Whitacker (2007), os centros podem ser entendidos como espaços que se concentram uma variabilidade de atividades comerciais e de serviços, fatores esses que podem ser vivenciados de forma mais efetiva/concreta, pois é lugar de atividades de múltiplas naturezas, como educação, trabalho e lazer. Enquanto que a centralidade não se determina pela localização, mas pelas articulações entre essas, ou seja, é a condição simbólica de central que determinado espaço obtém.

As áreas que desempenham um papel de centralidade no espaço da cidade têm sua gênese ligada ao processo de descentralização, esse impulsionado por alguns fatores próprios do centro urbano, dentre eles: elevação constante do valor da terra; concorrência e dificuldade em expansão no mesmo (CORRÊA, 1995). Ainda segundo o autor mencionado, esse processo potencializa-se com a expansão urbana, pois a população distanciada da área central necessitará de uma série de serviços presentes nessa, motivo esse que levará a descentralização de atividades antes estabelecidas apenas no centro principal. Essa dinâmica, pode-se apresentar de forma espontânea, ligada à atividades comerciais varejistas, ou planejada, que associada ao poder do Estado, objetiva suprir as necessidades geradas pela expansão da cidade (DUARTE, 1974). Cabe salientar a competição pelo mercado consumidor, pois apresenta-se como propulsor deste processo, essa disputa gera a descentralização de pontos comerciais e de serviços, criando filiais em bairros mais distantes do centro comercial principal (CORRÊA, 1995). Existem também atividades que segundo o autor citado anteriormente, nascem primordialmente em áreas não centrais “[...] já nascem assim descentralizadas, evitando possíveis desvantagem da área central e, ao mesmo tempo, beneficiando-se das vantagens de áreas distantes do centro” (p. 46).

Em conformidade, Souza (2005) argumenta que a cidade com sua expansão irá gerar distanciamentos, que de acordo com a densidade demográfica e a renda da população presente na mesma, fará com que surjam significativos subcentros, proporcionando com que os indivíduos não precisem necessariamente ir ao centro principal para suprir suas necessidades. No entanto, caso

não haja as peculiaridades essenciais para a constituição desses nos moldes tradicionais, ou seja, possuindo um certo grau de sofisticação, poderá surgir um subcentro de bairros, que terá uma complexidade inferior no que se refere aos empreendimentos, assim como a dimensão de sua área de influência (CORRÊA, 1995), ou até mesmo um centro de vizinhança, isto é, uma localidade que atrai exclusivamente a área imediata e dispõe de baixa concentração de atividades comerciais e de serviços (RIBEIRO, O., 2017). A estruturação de centralidades em áreas periféricas de expansão urbana, apresentam-se como parte do processo de reprodução do capital, este que denota a desigualdade socioespacial e transforma áreas tidas como distantes e sem valor, em potencial espaços de investimentos financeiros (ALVES, 2018).

Nessa perspectiva, o processo de descentralização proporciona a criação de novas áreas de comércio e serviços, possibilitando a criação de novos postos de trabalho e propiciando novas dinâmicas ao requerido espaço, essas que serão motivadas por meio dos circuitos da economia urbana (superior e inferior), distinguindo-se em ações, formas e conteúdo.

3 OS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA

A sociedade está alicerçada a partir do consumo e pelo consumo, realidade essa que reflete no espaço geográfico, pois esse constitui-se como reflexo social. Deste modo, assim como as relações passam por transformações constantes, o espaço geográfico por ser condição e reflexo dessas também modifica-se constantemente e referindo-se ao espaço urbano e suas particularidades, o consumo insere-se como propulsor da globalização e produção/expansão das cidades (RIBEIRO, B., 2017). Nas palavras do autor supracitado, “[...] os processos e dinâmicas são difundidos em diferentes escalas e de diferentes formas, numa relação de intensidade e de grandeza, ou seja, é por meio do consumo que o espaço é produzido [...]” (p. 9).

O espaço urbano desde sua gênese esteve vinculado às práticas comerciais, estas que estão inseridas na sua produção, pois a cidade constitui-se essencialmente como espaço de troca (GHIZZO; ROCHA, 2009). As atividades comerciais se mostram como elemento primordial para o espaço urbano, como argumentam os autores mencionados anteriormente: “[...] é no comércio que os agentes capitalistas da produção espacial produzem os espaços de consumo, os quais findam por se caracterizarem também como locais de consumo do espaço, onde as pessoas marcam encontros ou passeiam, sem que, necessariamente, realizem compras” (p. 1).

O comércio é de vital importância para as articulações urbanas, pois é a partir deste que os agentes inseridos na dinâmica capitalista do consumo, dentre eles: consumidores; comerciantes;

detentores dos meios de produção e promotores imobiliários, usufruem dos variados espaços da cidade (ORTIGOZA, 2009). Nas palavras da autora mencionada:

O comércio em geral e a venda a varejo, em especial, constituem atividades essencialmente urbanas e que exigem centralidade. As ligações do comércio com o espaço urbano fazem parte de um longo processo, porque o comércio varejista faz parte da própria razão de ser das cidades. É o comércio que promove a existência da cidade, justifica uma boa parte da sua organização interna, explica inúmeros movimentos que se desenvolvem no seu interior. Essas relações entre a cidade e o comércio são dinâmicas e a cidade vai se tornando produto das decisões e das práticas de diversos atores, entre eles os comerciantes, os consumidores, os promotores imobiliários e os produtores/fabricantes. Por outro lado, a cidade é condição e meio para que as práticas desenvolvidas por estes agentes continuem a se realizar (ORTIGOZA, 2009, p. 18).

O espaço urbano pode ser compreendido por meio das divisões do trabalho existentes em seu recinto, essas que estão sistematizadas mediante aos circuitos da economia urbana, que se distinguem em grau de organização; tecnologia e capital (RIBEIRO, B., 2017). Isto é, características que diferenciam as atividades ligadas ao circuito superior da economia urbana, as ligadas ao circuito inferior desta, são essencialmente a tecnologia empregada e o modo de organização do trabalho. Nesse sentido, o circuito superior constitui-se como aquele detentor das novas tecnologias e poder no mercado financeiro, enquanto que o circuito inferior apresenta-se por atividades em pequena escala, ou seja, atividades voltadas para o consumo local, tendo como público alvo a população com menor poder aquisitivo (SANTOS, 2004).

Equivalente ao exposto anteriormente, Silveira (2015) argumenta, “[...] tais circuitos constituem um conjunto de atividades desenvolvidas com graus diferentes de capital, tecnologia e organização, que resultam de duas causas entrelaçadas: a modernização capitalista e a desigualdade na distribuição da renda” (p. 247). Nessa perspectiva, os circuitos apresentam-se como reflexo das características socioespaciais do espaço urbano, ou seja, demonstram a desigualdade presente nas cidades. De acordo com Montenegro (2011), o circuito superior compreende [...] bancos, comércio e indústria de exportação, indústria moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores – é o resultado direto das modernizações que atingem o território” (p. 1). Enquanto que o inferior, “[...] compreende o resultado indireto da modernização e constitui-se de formas de fabricação não-capital intensivo, serviços não modernos fornecidos a varejo, comércio não moderno e de pequena dimensão, voltados sobretudo ao consumo da população de baixa renda” (p. 1).

O processo de globalização impulsiona novas dinâmicas ao território, essas essencialmente promovidas por empreendimentos pertencentes ao circuito superior da economia urbana, objetivando possuir mecanismos capazes de gerar atração para englobar os variados nichos de

consumo, nesse contexto, cabe ao circuito inferior estar em frequente adaptação, para não perder a parcela do seu público consumidor, para isso, busca reorganiza-se constantemente, procurando assemelhar-se em alguns aspectos inerentes ao circuito superior (RIBEIRO, B., 2017).

Dessa forma, empreendimentos de comércio e serviços desempenham papel fundamental para a constituição do espaço urbano, tanto na produção espacial, pois esses quando coesos (de preferência), constituem centralidades, gerando novas formas e conseqüente remodelando a paisagem da cidade; quanto nas interações socioeconômicas, uma vez que os mesmos originam atração espacial, gerando fluxos populacionais e financeiros. Realidade essa que pode ser observada na cidade de Castanhal, pois descarta-se nas relações do setor terciário.

4 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM CASTANHAL-PA

Castanhal possui extensão territorial de 1.030,261 km² e índice demográfico estimado para o ano de 2018 de 198.294 habitantes (IBGE, 2010). Localiza-se no nordeste paraense e cumpre o papel de cidade média na rede urbana regional, obtendo a expansão de sua malha urbana em 145% de 1984 a 2016, por consequência da forte urbanização da população nas últimas décadas (RIBEIRO, O., 2017). Em decorrência disso, apresenta em seu espaço urbano a dilatação das áreas periféricas, engendrando novas dinâmicas e processos no contexto socioespacial da cidade.

A cidade realça-se nas atividades ligadas ao setor terciário da economia, a produção industrial apresenta-se em seguida e em terceiro plano e com pouca representatividade aparece a produção agropecuária, evidenciando a função da cidade como prestadora de comércio e serviços, a mesma conta com uma área de influência que estende-se a quatorze cidades (Aurora do Pará; Inhangapi; Mãe do Rio; Magalhães Barata; Maracanã; Marapanim; Santa Maria do Pará; São Domingos do Capim; São Francisco do Pará; São João da Ponta; São Miguel do Guamá; Terra Alta; Igarapé-Açu e Irituia), as populações dessas, mantém relações por motivos de trabalho, educação, saúde, comércio e serviços (SANTOS, 2019).

A expansão urbana da cidade acompanha o desenvolvimento de algumas regiões, como o eixo da BR-316, a sudeste da cidade; o eixo da Rodovia Transcastanhal, a noroeste; e o eixo da PA-320, a nordeste da malha urbana (RIBEIRO, O., 2017). Contando para essa, com a ação de variados agentes, entre eles vale ressaltar o papel do Estado, que por meio da implementação de políticas públicas, como por exemplo as habitacionais do PMCMV – Programa Minha Casa Minha Vida, induzem o processo de expansão do espaço urbano, fato esse presente em Castanhal, como argumentado por (CARRERA et al., 2019, p. 210), “O PMCMV tem papel significativo na

expansão urbana de Castanhal, atingindo os estratos menos abastados da população e dando outro caráter aos tipos de habitação de quem mora na periferia, pois segue o mesmo sentido da expansão da malha urbana.”; os promotores imobiliários, possuindo uma pluralidade de ações no contexto do espaço urbano, efetuando (entre outras) as seguintes ações: incorporações, financiamento, construção e comercialização. Estes que são orientados por uma lógica do mercado e quando efetuam a construção de conjuntos do PMCMV, privilegiam localizações distantes do centro da cidade, pelo preço baixo das terras, fato esse que influencia a segregação urbana (MARICATO, 2009); e os grupos precariamente incluídos (HAESBAERT, 2004), estes que através de ocupações de terras e da autoconstrução acabam constituído espaços de assentamento precário (CARDOSO, 2016). Como é o caso do setor sudeste de Castanhal, que em meados da década de 1980, contou com a ação expressiva desses grupos, originando bairros como Jaderlândia III e Bom Jesus.

Segundo (RIBEIRO, O., 2017) mesmo com a rápida expansão da área urbana de Castanhal e do seu dinamismo econômico, a cidade apresenta apenas uma área central bem definida, esta que é referência para área urbana e rural da mesma e para cidades ao seu entorno, que compõem a sua área de influência. Em conformidade, Amaral e Ribeiro (2016, p. 91-92) argumentam:

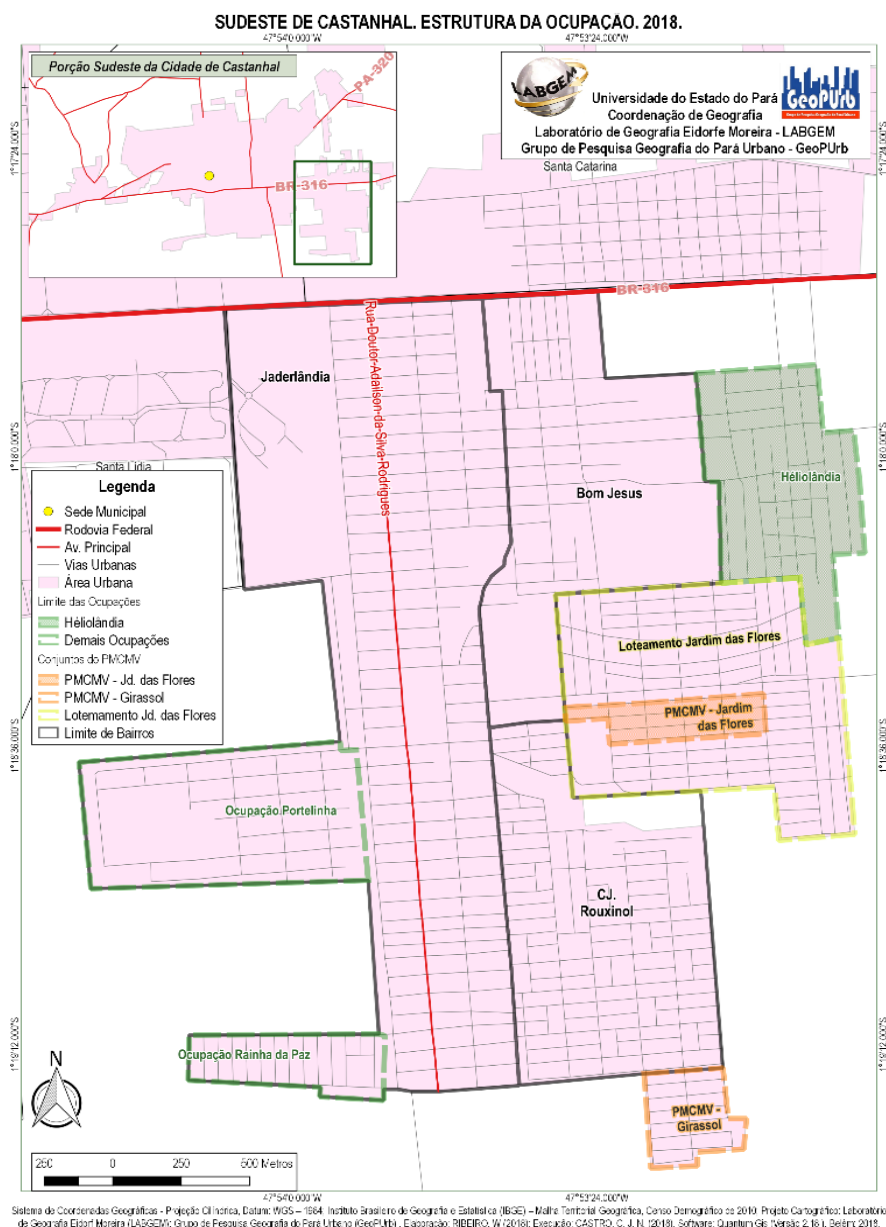
Tomando como ponto de partida a espacialidade do comércio e dos serviços em Castanhal, pode-se afirmar que a cidade apresenta um centro principal de localização dessas atividades, o que a torna uma cidade mononucleada em consideração as referidas atividades. Essa área principal de comércio e serviços corresponde aos principais eixos de circulação rodoviária da cidade, sendo-os: a Avenida Barão do Rio Branco (antiga via ferroviária – Estrada de Ferro de Bragança) e a Avenida Presidente Vargas (Rodovia BR-316).

De acordo com o exposto acima, fica evidente a importância da ferrovia para estruturação da cidade de Castanhal, pois a avenida Barão do Rio Branco, localizada na antiga via férrea, dispõe no presente “desde o comércio de pequeno porte até o de grande porte, com a presença de capitais local, regional, nacional e internacional, haja vista a presença de empresas de capital aberto de sociedade anônima sendo filiais de grupos atuantes nacionalmente. ” (AMARAL E RIBEIRO, 2016, p. 92). Vale salientar que a concentração de atividades comerciais e de serviços em outras áreas da cidade não contíguas ao centro vem tomando destaque nas últimas décadas, uma dessas encontra-se na fração sudeste da cidade, no bairro Jaderlândia III, *locus* da presente pesquisa.

5 AS ATIVIDADES DE COMÉRCIO E SERVIÇOS DO BAIRRO JADERLÂNDIA III EM CASTANHAL-PA

O Jaderlândia III encontra-se localizado no setor sudeste de Castanhal (Mapa 1), área essa que apresenta-se como uma das principais em termos de expansão urbana da cidade, tendo sua estruturação em meados da década de 1980, contando com forte atuação dos grupos precariamente incluídos (HAESBAERT, 2004), que por meio de ocupações expandiram a cidade, nessa perspectiva, o referido bairro teve sua gênese ligada a ocupações de terras às margens da Br-316.

Mapa 1: Sudeste de Castanhal. Estrutura da ocupação. 2018.



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

O bairro em questão, apresenta-se atualmente como o maior em termos demográficos e geográficos da cidade, destacando-se em relação às demais localidades adjacentes especialmente por dispor de uma gama variada de comércio e serviços que geralmente são encontrados na área central das cidades, como: lojas especializadas em vestuário; farmácias; escritórios de advocacia, entre outros. Todos estes encontram-se dispostos em sua via principal, a rua Dr. Adailson da Silva Rodrigues (Figura 1), que desempenha um papel fundamental de centralidade para o setor sudeste da cidade de Castanhal.

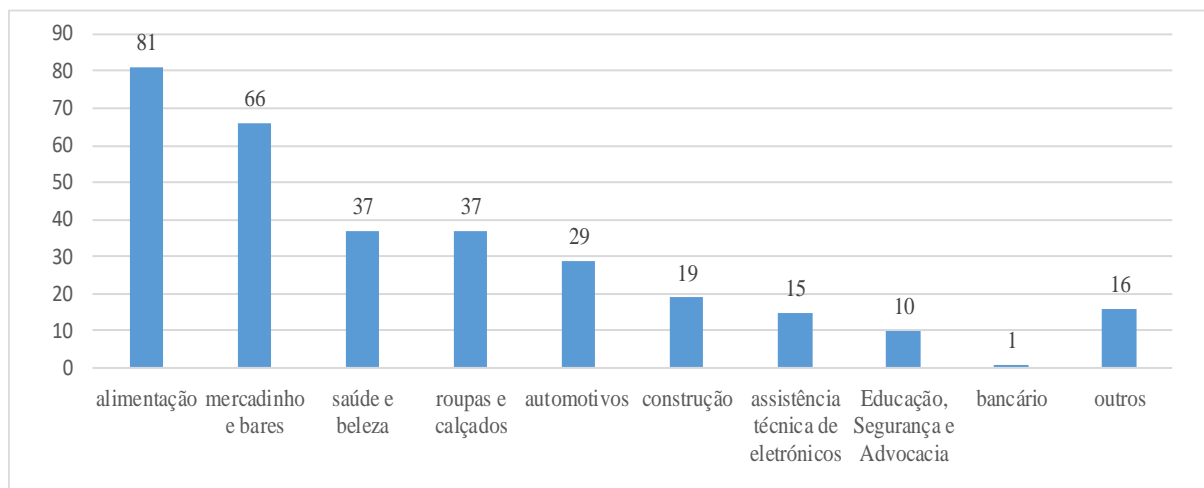
Figura 1: Bairro Jaderlândia III. Perspectiva da rua Dr. Adailson da Silva Rodrigues. 2018.



Fonte: Silva, 2018.

Diante da grande concentração de empreendimentos instalados no decorrer da via, mostrou-se necessário a análise dos perfis desses (Gráfico 1), objetivando assim, reconhecer os nichos de bens e serviços estabelecidos na rua, e por meio de entrevistas semiestruturadas, com empreendedores destas categorias (Quadro 1), busca-se analisar as características socioespaciais da centralidade urbana exercida pelas atividades de comércio e serviços.

Gráfico 1: Rua Dr. Adailson da Silva Rodrigues. Perfis das atividades. 2018.



Fonte: Trabalho de campo, agosto de 2018.

Quadro 1: Rua DR. Adailson da Silva Rodrigues. Empreendimentos entrevistados. 2019.

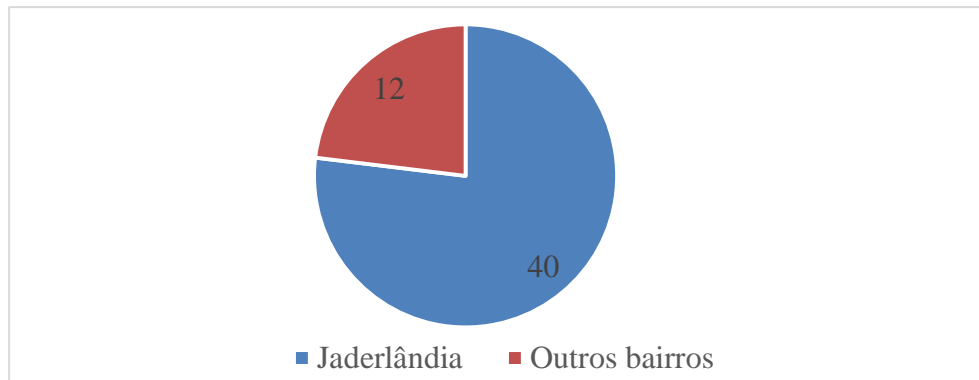
Empreendimentos	Total	Empreendimentos	Total
Loja de confecção	7	Ótica	1
Salão/Barbearia	2	Farmácia	2
Escritório de advocacia	1	Laboratório	1
Curso de informática	1	Construção	4
Assistência de eletrônicos	2	Automotivos	3
Loja de eletrodomésticos	1	Armarinho	6
Mercadinho	10	Pet shop	1
Alimentação	6	Gráfica	2
Total: 52 (número de entrevistados)			

Fonte: Trabalho de campo, março de 2019.

Conforme demonstrado no Gráfico 1, constata-se que a rua dispõe de 311 atividades em seu trajeto de 3km, com predominância de atividades voltadas a alimentação; saúde; beleza; automotivas; bares e mercadinhos. Dentre as atividades enquadradas no perfil “outro”, estão presentes: pet shops; gráficas; *cybers* e serviços voltados para produção de eventos. Dessa maneira, foram entrevistados 52 empreendedores de diferentes nichos de comércio e serviços, sendo a maior parte do sexo feminino (29 entrevistadas) e consecutivamente masculino (23 entrevistados), possuindo idades entre 18 e 75 anos.

Quando questionados sobre o tempo que mantêm suas atividades na rua Dr. Adailson da Silva Rodrigues, os empreendedores afirmam: a menos de 6 meses (12 entrevistados); de 6 meses a 3 anos (19 entrevistados); entre 3 até 5 anos (3 entrevistados); entre 5 até 10 anos (4 entrevistados); entre 10 até 20 anos (10 entrevistados) e os que desempenham atividades a mais de 20 anos (4 entrevistados). Dessa forma, comprova-se que a maior parte das atividades que situam-se na via, foram estruturadas nos últimos 3 anos, no entanto, ressalta-se que existem mais de um quarto dentre os 52 entrevistados que já estabelecem atividades neste espaço há um longo prazo, estes que destacam a estruturação que o bairro foi ganhando no decorrer dos últimos anos, concentrando uma maior quantidade de serviços públicos e privados. Dentre os empreendimentos analisados, 33 apresentam-se como imóvel alugado e somente 19 é de posse dos empreendedores. Vale destacar, que os empreendedores são em maioria residentes do Jaderlândia III, porém, um número expressivo é oriundo de outros bairros da cidade, como demonstra o Gráfico 2:

Gráfico 2: Rua Dr. Adailson da Silva Rodrigues. Local de residência dos empreendedores. 2019.



Fonte: Trabalho de campo, março de 2019.

Conforme a análise dos dados, o eixo exerce atração a empreendedores não apenas internos, ou seja, moradores do bairro em questão. Encontram-se no local, investidores que foram atraídos pela notoriedade que a via obtém, uma vez que a mesma apresenta-se com boa pavimentação asfáltica e grande fluxo diário de pessoas e veículos, movimentação essa, motivada pela aglomeração de comércio e serviços. Dessa forma, ocorre um determinado interesse entre os empreendedores, em investir no seu próprio negócio na via, pois os proventos que a mesma dispõe, condicionam que os empreendimentos sejam frutuosos no retorno financeiro. Como argumentado em uma das entrevistas:

A Adailson é a principal né?! Por que assim, aqui na Adailson Rodrigues, eu percebo assim, o que a pessoa coloca de comércio vai pra frente, assim entendeu?! Certo que não tem de tudo ainda né?! Mas tem bastante coisa aqui no Jaderlândia, que não precisa tanto a gente ir pro centro que nem alguns bairros né?! (Informação verbal obtida em entrevista realizada no Bairro Jaderlândia III – Castanhal, 26 de março 2019).

Consoante ao abordado por Souza (2005), Castanhal com sua expansão urbana proporciona o distanciamento de algumas áreas em relação ao centro da cidade, engendrando assim, a gênese de espaços significativos de comércio e serviços, um destes é a rua Dr. Adailson da Silva Rodrigues, no Bairro Jaderlândia III, que por concentrar inúmeras atividades, desempenha um importante papel de centralidade para a fração sudeste de Castanhal, fazendo com que a população residente nessa área não necessite ir obrigatoriamente ao centro para suprir certas necessidades.

Os empreendedores, quando perguntados em relação à frequência de deslocamento ao centro da cidade, 16 entrevistados declaram que deslocam-se diariamente durante os dias úteis, apontando como motivo a reposição de estoque do estabelecimento e a necessidade de resolver questões bancárias, como por exemplo, pagamentos de boletos, pois embora que o bairro disponha de uma lotérica, a mesma possui limitações. Como afirmado em uma das entrevistas: “Por que a

lotérica no máximo é mil reais, entendeu?! E nem todo carnê e boleto paga aí na lotérica, a gente tem que ir lá no banco fazer pagamento” (Informação verbal obtida em entrevista realizada no Bairro Jaderlândia III – Castanhal, 26 de março 2019); semanalmente, isto é, aqueles que frequentam o centro da cidade de 1 a 3 vezes nos dias úteis da semana (19 entrevistados), justificam que locomovem-se por questões de reposição de estoque, pagamento de boletos e razões educacionais; mensalmente, aqueles que dirigem-se apenas 1 vez por mês ao centro (14 entrevistados), alegam que se locomovem essencialmente para resolver questões bancárias e recebimento de aposentadorias; e por fim, os que enfatizam que se deslocam ao centro com frequência média de 1 vez a cada 6 meses (3 entrevistados), motivados por questões de saúde.

No momento em que interrogados se a rua apresenta alguma relevância para os que residem no bairro, por conta dos bens e serviços oferecidos na mesma, 51 entrevistados declaram que a via possui determinada importância; e apenas 1 entrevistado afirmou que não conseguiria responder, argumentando que não é morador do bairro, dessa forma, não saberia informar sobre a realidade da mesma. Percebe-se que de acordo com o ponto de vista dos empreendedores, os comércios e serviços encontrados na rua principal são capazes de suprir as necessidades dos mesmos e da população. Como abordado em uma das entrevistas:

Eu vejo, pelo menos eu, que a minha vida toda foi no centro, trabalhei, eu não senti tanta falta do centro com a minha vinda pra cá, que eu achei que ia ter, tipo, dificuldade pra encontrar as coisas: se eu quero uma roupa eu tenho ao meu lado, tem uma loja; se eu quero pagar uma conta, eu tenho a casa lotérica; se eu quero malhar, tem uma academia na minha frente (Informação verbal obtida em entrevista realizada no Bairro Jaderlândia III – Castanhal, 26 de março 2019).

Os entrevistados declaram alguns dos elementos que possibilitam que a rua Dr. Adailson da Silva Rodrigues desempenhe um papel tão importante como prestadora de bens e serviços: 44 entrevistados enfatizam a concentração de empreendimentos; 4 entrevistados citaram o fluxo diário de pessoas; 2 entrevistados enfatizaram a questão estrutural, comparando-a com as demais ruas que o bairro possui; e 2 entrevistados não souberam presumir sobre o questionamento. Em concordância com as informações obtidas em campo e as concepções apresentadas por (CORRÊA, 1995; DUARTE, 1974; SOUZA, 2005), as atividades presentes no eixo estão associadas ao processo de descentralização, em razão desse está vinculado a expansão da cidade, fazendo com que empreendimentos próprios do centro de Castanhal migrem para esta área, ou, até mesmo que esses já tenham sua gênese descentralizada, isto é, sejam oriundos da localidade, modo esse que predomina no bairro Jaderlândia III.

Outro dado significativo de enfatizar, é em relação ao público consumidor dos produtos e serviços oferecidos no eixo. Apenas 3 entrevistados afirmam que os consumidores de seus empreendimentos são apenas do Bairro em evidência e 49 entrevistados certificam que os consumidores são tanto do bairro, como de áreas adjacentes, entre os citados estão: Bairro Bom Jesus; Bairro Heliolândia; Ocupação Portelinha; Conjunto Habitacional Jardim das Flores e Conjunto Rouxinol. Dentre os que afirmam alcance superior das atividades, 5 entrevistados afirmam que essas atinjam outras frações de Castanhal; cidades adjacentes e até outros estados, como o Maranhão. Em conformidade com Souza (2005), o Jaderlândia III apresenta-se como uma localidade central intraurbana, visto que, detém de uma maior centralidade em relação aos bairros e áreas ao seu entorno, por ser referência na concentração de comércio e serviços. Valendo-se das contribuições de Sposito (2013) e Whitacker (2007), os fluxos que são advindos para o bairro, estão relacionados a articulações entre as localidades da fração sudeste de Castanhal, essas que proporcionam à rua Dr. Adailson da Silva Rodrigues a condição simbólica de área central.

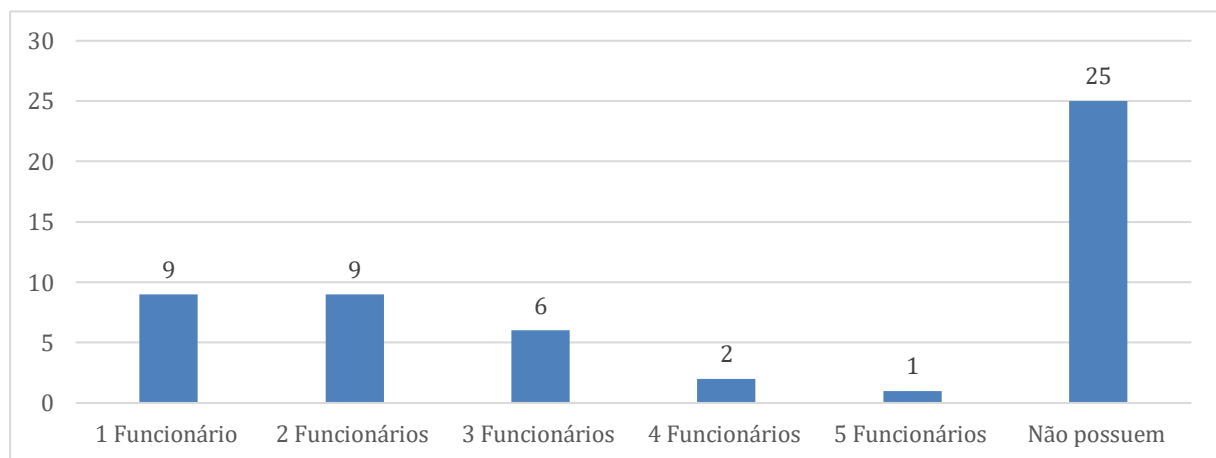
Em relação à qualidade dos serviços oferecidos no bairro na visão dos empreendedores, como: saúde, educação, segurança e transporte, os mesmos declaram: bons (10 entrevistados); razoáveis (13 entrevistados); ruins (26 entrevistados) e não souberam responder (3 entrevistados). Observar-se que a maioria dos entrevistados mostram-se insatisfeitos com o desempenho dos serviços citados anteriormente, os empreendedores dão ênfase principalmente na questão da criminalidade e violência presentes no bairro, sentem-se prejudicados por essa carência na segurança. Conforme (Ribeiro, O., 2017), o bairro em evidência apresenta características típicas de uma periferia urbana, destacando-se no cotidiano dos que residem ou trabalham no mesmo, à apreensão relacionada a insegurança e precários serviços.

Em relação às dificuldades enquanto empreendedores no bairro, 32 dos 52 entrevistados, destacam possuir empecilhos, ressaltando novamente a questão da falta de segurança como um receio constante, apontando também a alta concorrência gerada pela grande concentração de atividades na rua, além disso, afirmam a queda de vendas, provocada pela crise econômica que o país vem passando, declarando que com isso a população vem dando prioridade a determinados produtos, como gêneros alimentícios, em detrimento dos demais. Juntamente as dificuldades citadas, relata-se a questão do preconceito que alguns moradores do bairro possuem com o mesmo, como ressaltado em uma das entrevistas: “os pessoal daqui assim, tem aquela visão muito atrasada, algumas pessoas, tipo assim, tem gente que pega um dinheirinho a mais e “eu vou lá no centro por que o serviço lá é de boa qualidade” eles rotulam né?! Os serviços! E não valorizam o próprio

bairro que eles moram ” (Informação verbal obtida em entrevista realizada no Bairro Jaderlândia III – Castanhal, 26 de março 2019). Utilizando como base Barreto (2010), salienta-se que mesmo o eixo dispondo de determinada centralidade, o centro de Castanhal, além ser área central (o que já explicaria a atração), possui grande importância na dinâmica do nordeste paraense, gerando um certo fetichismo por bens e serviços encontrados nele.

A maior parte dos empreendedores (49 entrevistados), afirmam não possuir relações com bancos, tais como, requerimento de empréstimos com intuito de investimento no negócio ou gerenciamento das finanças do mesmo. Apenas 3 entrevistados declaram possuir tais relações, dando ênfase em operações mais simples, como depósitos bancários. Os empreendimentos apresentam-se em maioria como negócio individual, assim, 45 entrevistados afirmam não possuem sócios em seu estabelecimento e dentre os 7 entrevistados que declaram obter, foi constatado que existia algum vínculo parental entre os mesmos. A respeito da quantidade de funcionários que o empreendedor detém, os números são variados. Como demonstrado no Gráfico 3:

Gráfico 3: Rua Dr. Adailson da Silva Rodrigues. Quantidade de funcionários por empreendimento. 2019.



Fonte: Trabalho de campo, março de 2019.

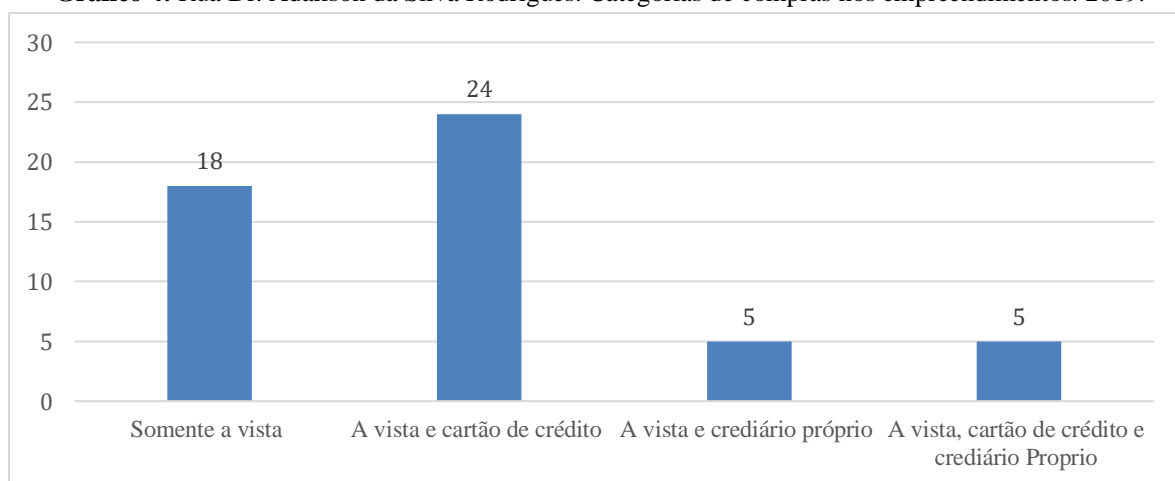
Dentre os 27 entrevistados que afirmam possuir funcionários, 20 ressaltam que possuem algum tipo de parentesco com os mesmos e somente 7 entrevistados destacam não possuir tais laços parentais. E os demais, como demonstrado no Gráfico 3, não possuem funcionários. Cabe enfatizar, que apenas 4 entrevistados dos que afirmam possuir empregados, garantem que os mesmos possuem a carteira assinada.

Em conformidade com (MONTENEGRO, 2011; RIBEIRO, B., 2017; SANTOS, 2004; SILVEIRA, 2015), a maior parte dos empreendimentos dispostos na rua Dr. Adailson da Silva Rodrigues, aproximam-se do circuito inferior da economia urbana, ou seja, “[...] formado de atividades de pequena dimensão e interessando principalmente às populações pobres [...]”

(SANTOS, 2004. p. 22). No entanto, verifica-se que grandes empreendimentos demonstram interesse em investir no bairro em questão, como é o caso da rede de supermercados “Assaí Atacadista”, inaugurado recentemente, as margens da Br-316. Quando perguntados sobre de qual forma verificam a entrada desses grandes empreendimentos no bairro, 45 entrevistados observam de forma positiva, pois acreditam que estes trazem melhorias para população e frisam que com isso o bairro vai se popularizando e gradativamente perca a estigmatização que sofre desde sua gênese, advinda dos altos índices de criminalidade e violência ocorrido nas últimas décadas na área; 4 entrevistados afirmam que observam de maneira negativa, pois acreditam que estes de alguma forma prejudicam os seus empreendimentos; 3 entrevistados não souberam opinar. Consoante com Alves (2018), percebe-se que entrada de grandes empreendimentos em centralidades periféricas, como o Jaderlândia III, insere-se no processo de reprodução do capital, vislumbrando transformar áreas distantes e estigmatizadas em espaços de potencial investimento.

Em relação às formas de pagamento que os estabelecimentos encontrados na rua Dr. Adailson da Silva Rodrigues permitem, verifica-se as modalidades apresentadas no Gráfico 4:

Gráfico 4: Rua Dr. Adailson da Silva Rodrigues. Categorias de compras nos empreendimentos. 2019.



Fonte: Trabalho de campo, março de 2019.

Nota-se a presença de uma categoria tradicional de compra, o “fiado”, no qual o empreendedor levado por relações de amizade ou apreço pelos moradores do bairro em evidência, confia em repassar os seus produtos ou serviços sem o retorno financeiro imediato. Contudo, valendo-se de (RIBEIRO, B., 2017), percebe-se a incorporação de mecanismos oriundos do circuito superior da economia urbana nesses estabelecimentos, como a máquina de cartão de crédito, presente em 34 empreendimentos do bairro Jaderlândia III, mostrando-se como uma alternativa viável para reorganiza-se e manterem a parcela do seu público consumidor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos na presente pesquisa indicam que as atividades de comércio e serviços do bairro Jaderlândia III configuram-se a partir da expansão urbana de Castanhal, pois os grupos envolvidos nessa dinâmica deparando-se distanciados do centro principal, favoreceram através das suas necessidades, a constituição de uma importante centralidade para a fração sudeste, caso da rua Dr. Adailson da Silva Rodrigues, gerando amplo fluxo populacional e econômico para o bairro, uma vez que não apenas os que residem no mesmo buscam as atribuições oferecidas nesta. Essa particularidade favorece que o bairro em evidência constitua-se como um subcentro de bairros, carregando a condição simbólica de central e provocando interesse para empreendedores investirem, fato que explica a aglomeração de atividades no local, evitando que os moradores do bairro e adjacências precisem necessariamente ir ao centro principal suprir as suas necessidades.

Ocorre uma heterogeneidade entre os empreendimentos encontrados no bairro, visto que, se fazem presentes atividades recentes justapostas a negócios mais antigos, alguns no qual os proprietários remetem o início da estruturação da área. Apresentam-se imóveis próprios, porém a maioria são alugados, o que realça a aptidão de atração que este espaço dispõe. No que se refere às características organizacionais internas dos negócios, percebe-se que maior parte dos empreendedores não possuem vinculações com bancos, apresentando raras exceções que possuem interesses futuros em contar com tais relações, para que assim apliquem investimentos em seus respectivos estabelecimentos e potencializem seus negócios. Predominantemente esses postos de trabalho funcionam empregando entre 1 a 5 funcionários, no entanto, a minoria está enquadrada na categoria formal de ocupação.

Ademais, por se fazerem majoritariamente presentes na via atividades com características ligadas ao circuito inferior da economia urbana, pressupõe-se a ideia do bairro ser apenas um centro de vizinhança, ou seja, que este atraia apenas fluxos internos. Entretanto, o que se verifica é uma amplitude considerável de atração, pois o alcance dessa é predominante sobre o conjunto de bairros do setor sudeste de Castanhal, daí subcentro de bairros. O fato da presunção se deve, pelo motivo que o circuito inferior não expõe na paisagem a força da área central, apesar disso sua centralidade é expressiva, como as entrevistas revelam, então, o espaço em questão constitui-se como um subcentro de bairros marcado pela precariedade do circuito inferior da economia urbana, adaptado à realidade de uma população pobre, ocorrendo assim o exercício de uma centralidade precária.

7 REFERÊNCIAS

- AMARAL, D. B.; RIBEIRO, W. O. Castanhal (PA): entre a dinâmica metropolitana e a centralidade sub-regional de uma cidade média. **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Amapá, v. 9, n. 1, 2016, p. 77-105. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/2572/0>>. Acesso em: 28 de jan. 2019.
- ALVES, G. A. As centralidades periféricas: da segregação socioespacial ao direito à cidade. In: Carlos, A. F. A.; SANTOS, C. S.; ALVAREZ, I. P. (Org.). **Geografia urbana crítica: teoria e método**. São Paulo: Editora contexto, 2018. p. 109-123.
- BARRETO, R. O centro e a centralidade urbana – aproximações teóricas a um espaço em mutação: **Cadernos curso de doutoramento em Geografia**, FLUP, n. 2, 2010, p. 23-41.
- CARDOSO, A. L. Assentamentos precários no Brasil: discutindo conceitos. In: MORAIS, M. P.; KRAUSE, C.; LIMA NETO, V. C. (Ed.). **Caracterização e tipologia de assentamentos precários: estudos de caso brasileiros**. Brasília: Ipea, 2016. p. 29-52.
- CARRERA, R. V. O. et al. Lado a lado a precariedade: ocupações e empreendimentos da faixa 1 do PMCMV na cidade de Castanhal/Pa. In: SILVA, C. N.; PAULA, C. Q.; SILVA, J. M. P. (Org.). **Produção espacial e dinâmicas socioambientais no Brasil setentrional**. Belém: GAPTA/UFGA, 2019. p. 207-236.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1995. 95p.
- _____. Sobre agentes sociais, escalas e produção do espaço: um texto para discurso. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Editora contexto, 2017. p. 41-73.
- DUARTE, H. S. B. A Cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 1, 1974, p. 53-98.
- GHIZZ, M. R.; ROCHA, M. M. Comércio e lazer: espaço de consumo e consumo do espaço na feira do produtor de Toledo-PR-Brasil. In: Encuentro de Geógrafos de America Latina, n° 12, 2009, Montevideo. **Anais...** Montevideo: XII EGAL, 2009. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaeconomica/48.pdf>>. Acesso em: 10 de fev. 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/castanhal.html?>>. Acesso em: 13 de fev. 2019.
- MARICATO, E. O "Minha Casa" é um avanço, mas segregação urbana fica intocada. **Revista Carta Maior**, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-Minha-Casa-e-um-avanco-mas-segregacao-urbana-fica-intocada/4/15160>>. Acesso em: 12 dez. 2018.
- MONTENEGRO, M. R. **Globalização, trabalho e pobreza no Brasil metropolitano. O circuito inferior da economia urbana em São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém**. 2011. 303f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- HAESBAERT, R. Precarização, reclusão e “exclusão” territorial. **Terra Livre**, Goiânia, v. 2, n. 23, 2004, p. 35-52.
- ORTIGOZA, S. A. G. **Geografia e Consumo: Dinâmicas Sociais e a Produção do Espaço Urbano**. 2009. 280f. Tese (Livre Docência) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.
- RIBEIRO, G. B. Produção do espaço urbano e consumo. Os circuitos da economia urbana em cidades médias: Presidente Prudente (SP). In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, n° 17, 2017, São Paulo. **Anais...** São Paulo: XVII ENANPUR, 2017. Disponível em: <<http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenapur/article/download/1594/1573/>>. Acesso em: 12 de jan. 2019.



RIBEIRO, W. O. **Interações espaciais na rede urbana do Nordeste do Pará: particularidades regionais e diferenças de Bragança, Capanema e Castanhal.** 2017. 356f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, 2017.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido.** 2 ed. São Paulo: Edusp, 2004. 440p.

SANTOS, K. P. **A produção do espaço urbano e vida cotidiana: uma análise nos diferentes assentamentos urbanos em Castanhal-PA.** 2019. 184f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

SILVEIRA, M. L. Modernização contemporânea e nova constituição dos circuitos da economia urbana. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 19, n. 2, 2015, p. 246-262. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/102778/pdf_1>. Acesso em: 17 de jan. 2019.

SOUZA, M. L. **ABC do desenvolvimento urbano.** 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 190p.

SPOSITO, M. E. B. Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do Estado de São Paulo, Brasil. **Boletín del Instituto de Geografía**, México, n. 54, 2004, p. 114-139.

_____. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, P.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (Org.). **A cidade contemporânea: segregação espacial.** São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-93.

WHITACKER, A. M.; Inovações tecnológicas, mudanças nos padrões locacionais e na configuração da centralidade em cidades medias. **Scripta Nova.** vol. 11, n. 245, 2007. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24524.htm>>. Acesso em: 18 de dez. 2018.

_____. Centro da cidade, centralidade intraurbana e cidades médias. In: MAIA, D. S.; SILVA, W. R.; WHITACKER, A. M. (Org.). **Centro e centralidade em cidades Médias.** São Paulo: Editora Cultura acadêmica, 2017. p. 149-177.